



O xadrez e o Transtorno do Espectro Autista (TEA)

Chess and Autism Spectrum Disorder (ASD)

Me. Luciano Gomes de Sousa.

Mestre em Letras Modernas pela Universidade de São Paulo - USP.

E-mail para contato: piacevole64@yahoo.it

O xadrez contribui para o desenvolvimento de várias habilidades em seus praticantes, tais como: a memória, a atenção, a concentração, o raciocínio lógico-matemático, o julgamento, o planejamento, a imaginação, a antecipação, a perseverança e o espírito de decisão (SÁ, A. V. M. 1994b). Além disso, algumas experiências têm demonstrado que o xadrez constitui também um interessante caminho para melhorar a qualidade da interação e da sociabilização de pessoas com Transtorno do Espectro Autista (TEA).

Lembrando que, de acordo com a quinta edição do Manual de Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais, elaborado pela Associação Americana de Psiquiatria (DSM-5), o Transtorno do Espectro Autista (TEA) é classificado como um grupo de distúrbios do desenvolvimento neurológico caracterizado principalmente por comprometimento das habilidades sociais e de comunicação, além de comportamentos estereotipados.

Apesar da escassez de pesquisas científicas sobre essa temática tão específica, no ano de 2008, o psicólogo e treinador de xadrez Karel van Delft e seu filho Merijn van Delft, mestre internacional de xadrez e também psicólogo, publicaram na Holanda o livro '*Schaaktalent ontwikkelen*', traduzido para a língua inglesa em 2010 com o título de '*Developing Chess Talent*' (Desenvolvendo o talento enxadrístico), que apontou, em um de seus tópicos, que algumas crianças, jovens e adultos autistas holandeses alcançaram consideráveis melhorias na interação e na sociabilização graças à prática do xadrez.

Com base em relatos e depoimentos de professores e treinadores de xadrez, e de pessoas com TEA e seus respectivos familiares, os autores concluíram que o xadrez se mostrou um esporte adequado para muitas crianças e adultos com Transtorno do Espectro Autista.



Todos os relatos e depoimentos compilados nesse livro foram unânimes em apontar melhorias significativas quanto à interação e sociabilização dessas pessoas. Acrescente-se que os autores, com base em seus conhecimentos de Psicologia e também na experiência prática que mantinham com o xadrez, concluíram também que este jogo estimulou sensivelmente o desenvolvimento emocional e cognitivo de indivíduos com TEA (VAN DELFT, K.; VAN DELFT, M. 2010).

No ano de 2019, na cidade de Fortaleza, Ceará, Brasil, a engenheira civil e enxadrista amadora Alcileide Alves idealizou e promoveu Oficinas de Xadrez com pessoas com TEA. Tal projeto, que depois ficou conhecido como “Oficina de xadrez com autistas”, também apresentou resultados altamente positivos, análogos aos observados pela dupla de psicólogos holandeses.

Nessas oficinas, além de serem percebidos ganhos na interação e na sociabilização, foram observadas melhorias na capacidade de concentração das crianças e adolescentes autistas que participavam assiduamente do projeto, observação relatada por vários pais e mães desses jovens. Alguns familiares relataram inclusive que nunca haviam visto seus filhos permanecerem mais de 30 minutos em uma única atividade, comportamento que nas oficinas acontecia com relativa naturalidade.

As oficinas de xadrez ocorriam em espaços públicos, principalmente: no Shopping Benfica, no Shopping Aldeota e no espaço cultural Casa de Juvenal Galeno, todos na cidade de Fortaleza, e contaram com voluntários da Federação Cearense de Xadrez (FCX) e alguns enxadristas autistas da Associação Brasileira para Ações por Direitos das Pessoas com Autismo (Abraça) e da Casa da Esperança, instituição também voltada a prestar apoio a pessoas autistas.

Tal como foi registrado em solos holandeses, nessas oficinas de xadrez, a prática do jogo ajudou no desenvolvimento de duas das maiores dificuldades para pessoas com TEA: a interação e a sociabilização, sendo observado até mesmo que durante as oficinas alguns jovens autistas se interessaram por ensinar xadrez para outras pessoas, o que de modo efetivo alguns jovens fizeram, porém, sempre sob supervisão de algum enxadrista mais experiente.



Essas oficinas sempre ocorreram sem fins lucrativos e tinham por objetivos: estimular os benefícios que o xadrez pode proporcionar para pessoas com Transtornos do Espectro do Autismo e demais participantes, incentivar a criação de oficinas permanentes de xadrez em diferentes lugares e incentivar o voluntariado. Lembrando que eram oficinas “com pessoas com TEA” e não oficinas “exclusivamente para pessoas com TEA”, eram, portanto, abertas ao público em geral. Além disso, paralelamente às aulas de xadrez, sempre ocorriam palestras sobre temas ligados à Saúde.

Uma das hipóteses para esse fenômeno de o xadrez promover o desenvolvimento da interação, sociabilização e concentração em pessoas autistas, advém de algumas características muito presentes nesse surpreendente “jogo-arte-ciência” (BECKER, 2006), as quais comentarei a seguir:

A interação no jogo de xadrez inicia-se antes mesmo que a partida tenha um início: no xadrez, antes de se efetuar o primeiro lance, tradicionalmente, os adversários cumprimentam-se com um aperto de mãos. Durante a partida, a interação é reforçada porque para se fazer um lance, deve-se esperar que o adversário realize o lance dele. Ao final da partida, os adversários voltam a se cumprimentar com um aperto de mãos, independentemente do resultado da partida (vitória, derrota ou empate).

Por se tratar de um jogo extremamente lógico, o xadrez está embasado em um conjunto de regras pré-estabelecidas e fixas, e muitas pessoas com TEA sentem-se mais confortáveis quando compreendem regras previamente explicadas: isso ocorre sobretudo quando as regras são explicadas de modo objetivo, dando prioridade, portanto, à linguagem denotativa, já que a linguagem conotativa (figurativa) muitas vezes apresenta-se como um grande desafio de interpretação para a maioria das pessoas com TEA, que possuem considerável dificuldade para entender ambiguidades, polissemias, enfim, palavras e/ou expressões utilizadas fora de seu sentido literal.

Reitero que embora sejam ainda escassas as pesquisas científicas sobre este tema tão específico quanto inovador, as duas experiências mencionadas demonstram que o xadrez constitui um interessante viés para melhorar a qualidade da interação e da sociabilização em



peças com Transtorno do Espectro Autista, justamente duas características muito frequentes, marcantes e ao mesmo tempo deficitárias para a maioria das pessoas que apresentam esse transtorno.

No campo acadêmico, este breve estudo tende a servir de subsídio para futuras e aprofundadas pesquisas; já no campo social, ele pretende ser um importante passo para a divulgação do xadrez como uma interessante ferramenta para melhorar a qualidade de vida de centenas de pessoas com Transtorno do Espectro Autista.

Referências

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION (APA). **Diagnostic and statistical manual of mental disorders**. 5th ed. Washington (DC): American Psychiatric Association; 2013.

BECKER, Idel. **Manual de xadrez**. São Paulo: Nobel. 2006.

SÁ, A. V. M. de. **O xadrez e a educação: experiências de ensino enxadrístico em meios escolar, periescolar e extra-escolar**. Série Documental: Eventos (Seminário Sobre Novas Perspectivas da Educação Matemática no Brasil), Brasília: MEC / INEP, v. 2, n.4, parte 2, p. 51-64, abr. 1994b.

PAIVA JUNIOR, Francisco. **Autismo - não espere, aja logo!** São Paulo: M.Books do Brasil Editora Ltda. 2012.

VAN DELFT, Karel; VAN DELFT, Merijn. **Developing Chess Talent**. Apeldoorn, Netherlands: KVDC, 2010.